

## **ECONOMIA DE MERCADO**

*Manoel Barbosa de Lucena*

01. O que nos espera o século XXI ? a messianização do mercado irrestrito? a indecisão da implantação da economia de mercado no leste europeu? A total transnacionalização do capital? A globalização da comunicação? O absurdo e total domínio do capital financeiro sobre o produtivo? A descartabilidade de milhões de seres humanos? A brutal desigualdade de oportunidades?... Tudo resultante da "Economia de Mercado".

02. Estranhamente, cresce o número de teóricos que assumem o pressuposto dessa racionalidade que se impõe como sendo verdadeira e condizente com a realidade, racionalidade que se associa à defesa ideológica do livre mercado. Os "irracionais" ficam de fora do grande universo unidimensionado, além dos "irracionais" por própria natureza, isto é, os sem poder aquisitivo que nem entram no circuito...

03. À filosofia cabe criar conceitos, aprender a pensar, estranhar, encantar-se, desvendar significados, sem esquecer jamais que a razão recobre apenas parcialmente o real.

Filosofar não é resolver problemas. Ou detectar ou remexer representações, sem que se possa ir além delas. Filosofar é trabalhar os pressupostos existentes em palavras, palavras-imagem, conhecendo as constelações que nela transitam.

04. Frente à Economia e à Realidade, qual afinal o papel da Filosofia? Enquanto crítica, a Filosofia ajuda a desentranhar e trazer à luz os pressupostos antropológicos das diferentes maneiras de ver a Economia. Diante de um conceituário implantado, imposto e funcional, qualquer sonho é ilusório, porque absorvido pela “unidimensionalidade”, de que falou H. Marcuse.

A Economia de Mercado é matriz fundante do capitalismo, prazerosamente circundado por um discurso de sua utopização. Matriz conceitual, ao tempo em que, simulando a centralidade do trabalho e do ser humano, dissimula a mercadoria humana e o seu trabalho.

O regresso à afirmação do homem foi invocado por Marx, mediante a centralidade da categoria “trabalho”, e com ele, a recuperação da própria vida humana, antes excluída, rompendo o simulacro produtivista.

05. Chegamos a um ponto crucial.

Como dar às palavras, sem escamoteios, conceitos que nos permitam avaliar o real, até chegarmos ao “mundo da vida” de Habermas? Não seria necessário reconceituar as categorias “trabalho” e “necessidades humanas”, dotando-as de elementos que hoje escapam a essas categorias?

As palavras têm um significado oculto, porque “o que as criaturas querem dizer quando dizem se relaciona com o que não dizem” e o que “intentam dizer não pode ser considerado em seu sentido imediato, não porque mintam, mas porque o universo do pensamento e da prática em que vivem é um universo de contradições manipuladas”<sup>(1)</sup>

Há diferenças irreduzíveis entre o universo da linguagem estabelecida e o conteúdo filosófico da linguagem. A conotação política e profunda do conceito é irremediavelmente condenada pela linguagem funcional e operatória, silenciando a dimensão histórica do significado.

Ser-de-necessidade-e-desejos não é considerado pelo pensamento econômico, porque flutua ele por cima da corporeidade concreta. Daí porque à Filosofia cabe ensaiar conceitos que operem por uma crítica à Economia e criar saídas em prol da dignificação dos seres humanos. Busca-se a dimensão oculta do significado, do dizer que não diz ou da linguagem que não fala.

Esvaziado o real, a Economia de Mercado cria um vasto “mentiral” no conceituário econômico. A comunicação em massa dos provisionadores do “status” torna definições e prescrições quase hipnóticas, numa linguagem totalitária. Linguagem fechada, alheia à própria crítica. Não demonstra nem explica, apenas comunica.

06. A Filosofia não desistirá de tomar por inteiro o outro”, na sua corporeidade, unificando todos os sentidos das palavras “troca”, “intercâmbio”, “mercado” etc. até chegar à troca-entrega, realização da Economia em sua significação meta-econômica.

Uma Economia para o Homem.

A Economia de Mercado em nada se refere a nós enquanto seres humanos, concretos, seres de necessidade e desejos, corporeidade vivas.

Não basta criar conceito novos... "qualidade total", "modernidade", economia social" etc., substituindo conceitos que faliram. É preciso dar um passo além: é perguntar-se sobre o que não estava adequadamente nominado e definido nas noções existentes na linguagem ficcional da Economia de Mercado.

07. "O que é não pode ser verdade", pois a verdade da semente está no seu retorno.

O ausente deve ser tornado presente, pois a verdade está na negação do princípio que governa a atual civilização.

Para onde caminhamos?

O poder de negar começa a sentir-se adulto. A transformação está em gestação. E com a mudança, encerra-se o ciclo da coisificação. Seu nascedouro, a corporeidade concreta, de necessidades e desejos.

*Notas:*

1 Herbet Marcuse, "Ética de la Revolucion". Taurus Ediciones., Madrid, 1965.